



Acta Scientiarum. Technology

ISSN: 1806-2563

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá  
Brasil

Leão Rego, Renato; Schwabe Meneguetti, Karin  
A respeito de morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade  
Acta Scientiarum. Technology, vol. 33, núm. 2, 2011, pp. 123-127  
Universidade Estadual de Maringá  
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=303226531003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# A respeito de morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade

Renato Leão Rego\* e Karin Schwabe Meneguetti

Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. \*Autor para correspondência. E-mail: rego.renato@hotmail.com

**RESUMO.** A morfologia urbana é uma linha interdisciplinar de pesquisa disseminada internacionalmente, ainda que os instrumentos fundamentais de uma análise morfológica pareçam pouco sistematizados e divulgados no âmbito das publicações acadêmicas nacionais. Nesse sentido, este trabalho pretende facilitar o entendimento de certos conceitos morfológicos e disseminar suas possibilidades de aplicação para além da sua origem na geografia e desde o ponto de vista da arquitetura e do urbanismo. Para tanto, serão elencados e explanados alguns dos principais instrumentos do estudo da forma urbana, a saber: os elementos básicos da forma urbana e os conceitos de tecido urbano, *urban fringe belts*, região morfológica e *townscape*. Tais conceitos, a modo de ferramentas metodológicas, permitem compreender e caracterizar a conformação urbana, sua evolução e suas transformações.

**Palavras-chave:** morfologia urbana, urban fringe belts, townscape, região morfológica, tecido urbano.

**ABSTRACT. About urban morphology. Basic topics for urban form studies.** Urban morphology is an interdisciplinary research field widely disseminated, even though the fundamental tools of a morphological analysis do not seem to have been properly systematized and spread throughout national academic publishing arena. Thus, this paper aims to facilitate the understanding of certain morphological concepts and their possibilities of application, beyond their original background in Geography, and through the perspective of Architecture and Urbanism. Therefore, some of the main instruments for studying urban forms will be stated, namely the basic elements of the city form and the concepts of building fabric, urban fringe belts, morphological region and townscape. Working as methodological tools, these concepts allow the understanding and characterization of the urban conformation, as well as its evolution and its transformations.

**Keywords:** urban morphology, urban fringe belts, townscape, morphological region, building fabric.

## Introdução

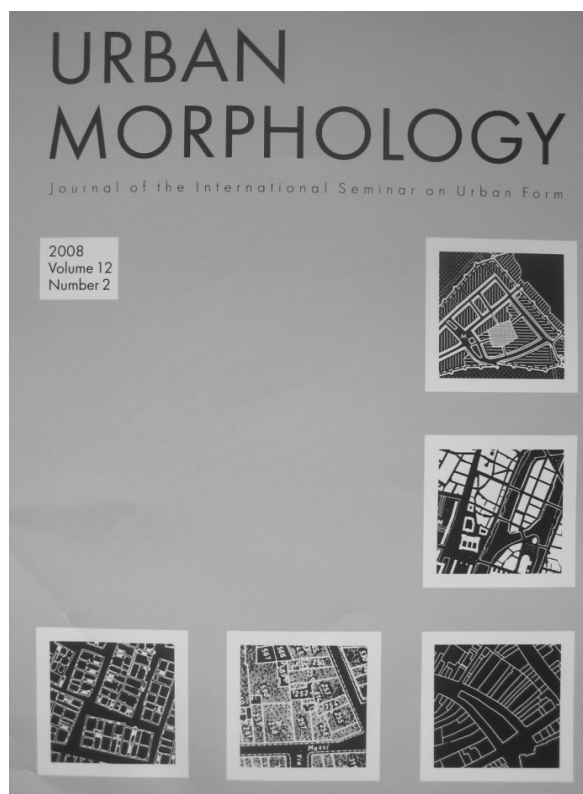
Morfologia urbana é, obviamente, o estudo da forma das cidades. Mas enquanto há consenso entre os ‘morfologistas urbanos’ sobre o que eles estudam, há também um debate considerável sobre como as formas urbanas devam ser estudadas. Parece contribuir para esta divergência a diversidade verificada na formação, na origem cultural e na língua materna dos principais pesquisadores desta área. Essa diversidade, ao mesmo tempo em que incrementou o entendimento da complexidade da forma urbana, descortinou formulações teóricas de bases filosóficas e epistemológicas bastante distintas (GAUTHIER; GILLILAND, 2006). Para agravar tal situação, soma-se ainda o fato de que a barreira linguística tem dificultado o acesso a parte significativa da produção bibliográfica da morfologia urbana, publicada basicamente em inglês por meio da realização frequente do *International Seminar on Urban Form*, da página desta organização na internet

(www.urbanform.org) e do seu *journal* chamado *Urban Morphology* (Figura 1).

Ainda que as lentes para se olhar a forma urbana assim como o vocabulário empregado para descrevê-la sejam diferentes, há tópicos comuns subjacentes a todas as pesquisas morfológicas. Assim, o interesse deste artigo é salientá-los, a fim de favorecer o seu entendimento junto a jovens pesquisadores dessa área do conhecimento. Desde logo, a intenção deste trabalho não é apresentar uma extensa revisão dos trabalhos de pesquisa em morfologia urbana, já que outros autores se encarregaram desta tarefa (CONZEN, 2001; DARIN, 1998; HOFMEISTER, 2004; KEALY; SIMMS, 2008; MARZOT, 2002; VILAGRASA IBARZ, 1998; WHITEHAND, 2001; COSTA; MACIEL, 2008). Portanto, o intuito aqui é evidenciar as bases teóricas gerais da análise morfológica e discriminar os elementos fundamentais desta análise.

## Material e métodos

Mais especificamente, a morfologia urbana trata do estudo do meio físico da forma urbana, dos processos e das pessoas que o formataram. Este estudo constitui um instrumento poderoso no entendimento e no planejamento da cidade e, com isso, interage com ampla gama de disciplinas. No Desenho Urbano, um estudo dessa natureza aparece principalmente como um método de análise, chave para se detectar princípios, regras e tipos inerentes ao traçado da cidade, o que seria fundamental para futuras intervenções urbanas (DEL RIO, 2000). Já no caso da Geografia, este estudo permite compreender características físicas e espaciais de toda a estrutura urbana (JONES; LARKHAM, 1991). No tocante à História da Cidade, este estudo dá margem ao exame da conformação urbana, desde a sua gênese até as transformações mais recentes, identificando e dissecando os seus componentes edificados, os processos e os atores envolvidos neles.



**Figura 1.** Capa do periódico *Urban Morphology*, ISSN1027-4278, principal difusor dos estudos das formas urbanas.

Os pesquisadores ligados à morfologia urbana atentam para os resultados tangíveis de questões sociais, econômicas, políticas, ou seja, estudam a manifestação de ideias e intenções na medida em que elas tomam forma no chão e moldam as cidades (MOUDON, 1997). Além disso, a compreensão das

formas urbanas como manifestação física de um contexto cultural específico tem favorecido a apreensão das diferentes paisagens urbanas. Contudo, é importante aclarar que boa parte desses pesquisadores tem abordagem ‘internalista’, o que quer dizer que eles percebem a forma urbana a partir de uma lógica interna própria (GAUTHIER; GILLILAND, 2006). Nesse sentido, a base da morfologia urbana é a ideia de que a organização do tecido da cidade em diferentes períodos e o seu desenvolvimento não são aleatórios, mas seguem leis que a morfologia urbana trata de identificar. Portanto, a formação física da cidade tem dinâmica própria, ainda que condicionada por fatores culturais, econômicos, sociais e políticos.

Do ponto de vista epistemológico, os trabalhos de morfologia urbana podem ser divididos em estudos cognitivos e normativos (GAUTHIER; GILLILAND, 2006), embora tal divisão seja derivada do propósito dessas abordagens e, portanto, não afete efetivamente a natureza desses estudos. Assim, no primeiro caso estão incluídos os estudos que almejam produzir explicações para a forma urbana; no segundo caso, encontram-se aqueles estudos que buscam determinar ou prescrever o modo como a cidade deveria ser planejada ou construída no futuro. Em certa medida, aqueles atentam para o ‘como é’ e talvez ainda o ‘porquê’ da forma urbana enquanto estes estendem sua abordagem até o ‘como ela deveria ser’.

Assim, pode-se compreender a dicotomia estabelecida pelas escolas inglesa e italiana de morfologia urbana. A escola inglesa, estabelecida por pesquisadores que trabalham na esteira dos estudos do geógrafo M. R. G. Conzen adota abordagem explanatória, cognitiva. A escola italiana, inspirada pelas ideias do arquiteto Saverio Muratori e, mais tarde, estimulada pelo trabalho de Gianfranco Caniggia, parece estar estimulada pelas possibilidades de desenho urbano, daí a abordagem de cunho mais normativo, prescritivo, que, a partir do entendimento de tipologias urbanas, insinua articular uma visão do futuro.

Independentemente dessa divisão, os estudos morfológicos apresentam inserção considerável ao facilitarem não só o entendimento da forma característica de um bairro, uma cidade, uma paisagem, mas também a análise da sua gênese e das transformações sofridas ao longo do tempo a partir de certos tópicos comuns que serão expostos a seguir.

### Tópicos comuns

O chão comum para os pesquisadores ligados à morfologia urbana é o fato de que a cidade pode ser

'lida' e analisada por meio da sua forma física. Assim, além de concordarem sobre o objeto de seus estudos, pesquisadores ligados à morfologia urbana também coincidem que a análise morfológica deve examinar os componentes elementares da forma urbana.

O que antes de mais nada chama a atenção no desenho de uma cidade é a sua tessitura, a trama dos seus elementos. O tecido urbano é configurado pelo sistema viário, pelo padrão do parcelamento do solo, pela aglomeração e pelo isolamento das edificações assim como pelos espaços livres. Em outras palavras, o tecido de cidade é dado pelas edificações, ruas, quadras e lotes, parques, praças e monumentos, nos seus mais variados arranjos. No entanto, esses elementos devem ser considerados como organismos – constantemente em atividade e, assim, em transformação ao longo do tempo. E eles existem em estreita e forte inter-relação: estruturas edificadas conformando e sendo conformadas por espaços livres ao seu redor; vias públicas servindo e sendo utilizadas pelas propriedades privadas ao longo delas (MOUDON, 1997). O modo como cada um desses elementos urbanos se cristalizou e conforma o tecido da cidade é efetivamente o objeto da morfologia urbana.

Nesse sentido, M. R. G. Conzen chama atenção para três aspectos da importância do tecido urbano tomado como parte da imagem da cidade.

Primeiro, ele tem uma utilidade prática básica ao prover orientação: nosso mapa mental e, portanto a eficiência com que funcionamos espacialmente, depende do nosso reconhecimento dos locais. Segundo, ele tem valor intelectual ao ajudar tanto o indivíduo quanto a sociedade a se orientar no tempo: uma imagem da cidade, especialmente a de uma cidade bem estabelecida, apresenta uma forte experiência visual da história de uma região, ajudando o indivíduo a se situar em uma maior amplitude da sociedade em transformação, estimulando a comparação histórica e assim fornecendo uma base mais informada para a tomada de decisões. Terceiro, ele tem valor estético: por exemplo, no impacto visual e no sentido de orientação instituídos por elementos dominantes como igrejas ou castelos, e no estímulo à imaginação alimentado por variações na largura e na direção das ruas. Estes três atributos estão inter-relacionados e as experiências estéticas e emocionais estão forte e particularmente entrelaçadas – ainda que não necessariamente de modo dependente – com a apreciação do significado histórico e geográfico do tecido urbano (WHITEHAND, 1987, p. 8, tradução nossa).

A observação dos tecidos urbanos pode envolver conceitos mais elaborados como *urban fringe belts*. Pois expansões urbanas e acréscimos diferenciados a tecidos urbanos consolidados também são objeto de estudo da morfologia urbana (cf. CONZEN, 2008).

Neste caso, *urban fringe belts* – ou cinturões de franjas urbanas, em uma tradução canhestra do conceito depurado por M. R. G. Conzen – se referem à formação periférica, sucessiva e com certa uniformidade, que cercava uma urbanização medieval, cristalizando os processos expansivos da cidade; em geral, a uniformidade dessas franjas é dada pelo uso misto do solo urbano, normalmente separadas por extensões residenciais já consolidadas.

Entretanto, esse conceito de *fringe belts* já foi averiguado em formas urbanas mais modernas e em contextos culturais variados (CONZEN, 2008). Ainda que descontínuos e soltos, os *urban fringe belts* continuam representando espacialmente os ciclos do crescimento urbano em sua ação centrífuga. Via de regra, esses ciclos mostram a alternância entre anéis residenciais extensivos e de expansão veloz, durante períodos de *boom* econômico com abundante investimento de capital privado, e acréscimos de uso misto do solo urbano, mais lentamente materializados, quando o investimento privado se retrai ou busca terras mais baratas, mas o investimento público ainda se mantém e favorece ou responde pelo aparecimento de melhorias de infraestrutura e de equipamento institucional, como escolas, hospitais, áreas esportivas, edifícios religiosos, cemitérios etc. Enquanto expansões residenciais têm caráter 'planejado', as franjas urbanas, que elas acabam por criar, têm natureza, no geral, 'espontânea'. E essas franjas, ao invés de se fundirem à massa urbana quando elas deixam de ocupar a periferia da cidade, retêm e até aumentam o seu caráter distintivo dentro da área edificada (CONZEN, 2008).

Esse conceito de franjas urbanas pode colaborar na identificação e na explicação de variações na textura da forma urbana. Neste caso, deve-se lembrar que o padrão das vias e das quadras tem, em geral, influência morfológica no desenvolvimento urbano futuro da cidade. Assim, o conjunto das características formais que exercem influência na conformação de nova área urbana é chamado de moldura morfológica. O modo como a conformação de uma nova área edificada corresponde ao desenho urbano existente é chamado de conformidade morfológica (JONES; LARKHAM, 1991).

Nesse sentido, o conceito de 'região morfológica', segundo Conzen (2004a), permite detectar e estudar partes cristalizadas dentro de uma mesma forma urbana que apresentem uniformidade e similaridade. A região morfológica pode variar em escala e, assim, conformar-se a um bairro ou toda zona da cidade, desde que mantidos similares e uniformes o traçado, o tecido edificado, o uso e a ocupação do solo (CONZEN, 2004b). Mas, caso as

áreas expandidas ou as franjas urbanas não guardem conformidade morfológica, pode-se falar em incongruência no seu traçado.

Por fim, também merece ser mencionado o termo *townscape*, que poderia ser toscamente traduzido por paisagem urbana. De acordo com M. R. G. Conzen (2004b), esse termo se refere à fisionomia da cidade, mais especificamente à combinação de três complexos formais sistemáticos: o traçado urbano, o tecido edificado e o uso do solo. Neste caso, o tecido edificado trata das características arquitetônicas empregadas na construção de certa área da cidade.

No caso das cidades novas do Norte-parananense, estudos de morfologia urbana têm investigado a origem, o sentido e as particularidades de formas urbanas desenhadas ex-novo, inseridas em um processo de colonização sistemática e de urbanização deliberada como parte de um grande negócio de especulação agrária arquitetado por investidores britânicos (REGO; MENEGUETTI, 2008a). A planta dessas cidades, sua posição geográfica e a relação entre elas no âmbito regional caracterizam um conjunto peculiar. Neste e em outros estudos de caso (CONZEN, 2004b; COSTA, 2008; MARETTO, 2008; REGO; MENEGUETTI, 2008b), a morfologia urbana estuda não apenas e exclusivamente a cidade isolada, mas a sua inserção no território e o modo como o conjunto de formas urbanas, sejam elas planejadas ou espontâneas, constitui a paisagem regional.

## Conclusão

Este trabalho reuniu e apresentou tópicos fundamentais da análise morfológica, pouco difundidos por publicações nacionais – o que certamente colabora com a sistematização desse conteúdo. Esses tópicos constituem ferramentas básicas para o desenvolvimento de estudos na área de morfologia urbana, para a leitura da cidade e para o embasamento de projetos de intervenção urbana. Embora esta apresentação não tenha exaurido a discussão sobre esses tópicos – e não era esse o objetivo deste artigo –, o entendimento dos conceitos aí embutidos vai permitir o desenvolvimento, de modo satisfatório, de estudos morfológicos e análises do tecido urbano, fundamentais para o trabalho de geógrafos, historiadores e planejadores em geral.

## Referências

CONZEN, M. P. How growing cities internalize their old urban fringes: a cross-cultural comparison. In: INTERNATIONAL SEMINAR ON URBAN FORM,

2008, Artimino. **Proceedings...** Artimino: ISUF, 2008. (Meio digital).

CONZEN, M. P. The study of urban form in the United States. **Urban Morphology**, v. 5, n. 1, p. 3-14, 2001.

CONZEN, M. R. G. The Havel towns: townscapes of the Havel region, exemplified by Rathenow. In: CONZEN, M. R. G. (Ed.). **Thinking about urban form: papers on urban morphology, 1932-1998**. Oxford: Peter Lang, 2004a. p. 83-100.

CONZEN, M. R. G. **Thinking about urban form: papers on urban morphology, 1932-1998**. Oxford: Peter Lang, 2004b.

COSTA, S. A. P. A morfologia dos tecidos urbanos de influência inglesa da cidade de Nova Lima. **Paisagem e Ambiente**, n. 25, p. 55-76, 2008.

COSTA, S. A. P.; MACIEL, M. C. Urban morphological practice: an example from Brazil. **Urban Morphology**, v. 12, n. 2, p. 139-140, 2008.

DARIN, M. The study of urban form in France. **Urban Morphology**, v. 2, n. 2, p. 63-76, 1998.

DEL RIO, V. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: PINI, 2000.

GAUTHIER, P.; GILLILAND, J. Mapping urban morphology: a classification scheme for interpreting contributions to the study of urban form. **Urban Morphology**, v. 10, n. 1, p. 41-50, 2006.

HOFMEISTER, B. The study of urban form in Germany. **Urban Morphology**, v. 8, n. 1, p. 3-12, 2004.

JONES, A. N.; LARKHAM, P. J. **Glossary of urban form**. Norwich: Geo Books, 1991. Disponível em: <<http://www.urbanform.org/glossary/online.html>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

KEALY, L.; SIMMS, A. The study of urban form in Ireland. **Urban Morphology**, v. 12, n. 1, p. 37-45, 2008.

MARETTO, M. The concept of 'cultural region': between landscape and urban form: the Emilian case-study. In: INTERNATIONAL SEMINAR ON URBAN FORM, 2008, Artimino. **Proceedings...** Artimino: ISUF, 2008. (Meio digital).

MARZOT, N. The study of urban form in Italy. **Urban Morphology**, v. 6, n. 2, p. 59-73, 2002.

MOUDON, A. V. Urban morphology as an emerging interdisciplinary field. **Urban Morphology**, v. 1, n. 1, p. 3-10, 1997.

REGO, R. L.; MENEGUETTI, K. S. British urban form in twentieth-century Brazil. **Urban Morphology**, v. 12, n. 1, p. 25-34, 2008a.

REGO, R. L.; MENEGUETTI, K. S. O território e a paisagem: a formação da rede de cidades do norte do Paraná e a construção da forma urbana. **Paisagem e Ambiente**, n. 25, p. 37-54, 2008b.

VILAGRASA IBARZ, J. The study of urban form in Spain. **Urban Morphology**, v. 2, n. 1, p. 35-44, 1998.

WHITEHAND, J. W. R. **The changing face of cities**: a study of development cycles and urban form. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

WHITEHAND, J. W. R. British urban morphology: the Conzenian tradition. **Urban Morphology**, v. 5, n. 2, p. 103-109, 2001.

*Received on January 23, 2009.*

*Accepted on September 16, 2009.*

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Revista da Rede Lusófona de Morfologia Urbana #6.2 Importante publicação sobre morfologia urbana em língua portuguesa! Neste número, há o artigo da nossa coordenadora Flavia Botechia intitulado "A longevidade dos elementos da forma urbana". Journal of the Portuguese Network of Urban Morphology Important publication about urban morphology in portuguese! In this issue, there is the article by our coordinator Flavia Botechia entitled "The longevity of the elements of urban form". See more. Vitor Oliveira. 27 December 2018. A respeito de morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade. Article. Full-text available. A morfologia urbana é uma linha interdisciplinar de pesquisa disseminada internacionalmente, ainda que os instrumentos fundamentais de uma análise morfológica pareçam pouco sistematizados e divulgados no âmbito das publicações académicas nacionais. Nesse sentido, este trabalho pretende facilitar o entendimento de certos conceitos morfológicos e disseminar suas possibilidades de aplicação para além da sua origem na geografia e desde o ponto de vista da arquitetura e do urbanismo. Desarrollado por el científico ruso Ivan Pavlov, el condicionamiento clásico es el primer tipo de aprendizaje en el que un organismo responde a un estímulo ambiental. Pavlov estableció las leyes del condicionamiento clásico cuando estudió a los perros privados de alimento y su respuesta (la salivación) cuando el asistente de Pavlov entraba en la habitación.